

Análise de caso de representação LGBTI+ da edição DC Pride: Tim Drake special

Case analysis of LGBTI+ representation:
the DC Pride and Tim Drake



PAIVA, Mário Jorge de *

 <https://orcid.org/0000-0001-7158-4371>

RESUMO: O texto realiza uma análise da representação LGBTI+ contida em um dos segmentos do compilado, de 2022, *DC Pride: Tim Drake special*. Abordamos o arco *Sum of our parts*, que se revelou de importância, nesse tipo de discussão, por apresentar uma personagem Robin, Tim Drake, como bissexual. Há uma tendência de aumento no número das representações LGBTI+ em gibis de heróis; aqui desejamos análise qualitativa do material. Usaremos um aporte teórico amplo, sobre representação LGBTI+, estética *queer*, quadrinhos etc. Em termos de conclusão, chegamos ao elemento ambivalente, pois há um lado positivo em mais representações e edições especiais, contudo esse material nos soa pouco inovador, em mais de um aspecto.

ABSTRACT: The paper aims an analysis of the LGBTI+ representation in one of the segments of the compilation *DC Pride: Tim Drake special*. We did a qualitative analysis of the material using a broad theoretical framework about LGBTI+ representation, Queer Theory, aesthetics, comics etc. In conclusion we come to the ambivalent element, there are positives points, however this material is not very inventive.

PALAVRAS-CHAVE: Robin; *Comics*; Sadomasoquismo; Super-heróis; *Queer*.

KEYWORDS: Robin; Comics; Sadomasochism; Super heroes; Queer.

Recebido em: 27/05/2023
Aprovado em: 29/08/2023

Introdução

O social é marcado por multiplicidade. Mesmo quando, metodologicamente, escolhemos um elemento fixo, esse se altera de acordo com a sociedade, com a época, com o campo em investigação, nosso aporte epistemológico sobre o tópico. O que hoje chamamos de representação LGBTI+ em outras épocas receberia outros nomes, outras

* Doutor, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela PUC-Rio, Rio de Janeiro-RJ, Rio de Janeiro-RJ. E-mail: mariojpaiva91@gmail.com



abordagens. Alexandrian (1993), por exemplo, ajuda-nos na observação de tal evento, de variação, no que se refere aos materiais literários.

O presente trabalho é um recorte de uma mídia contemporânea, no caso um seguimento do gibi *DC Pride: Tim Drake special*, mais especificamente os números que formam o arco *Sum of our parts*. Porque nessa história há uma relação bissexual entre a personagem Robin, Tim Drake, e seu amigo Bernard.

Por que estudar quadrinhos, ou cultura *pop*, de um modo geral? Bem, enquanto uma mídia mais barata, que pode ser vista como *menor*, e mesmo infantil, ela *escapou* de vários analistas do social, talvez mais interessados nos grandes eventos literários ou epistemológicos.

Pierre Bourdieu (2011, p. 84-5), por exemplo, chamou os quadrinhos de uma arte média em vias de legitimação, junto com ficções científicas ou os romances policiais. Enquanto arte média pode representar um campo prestigioso, em um meio de audácia ou liberdade, porém pode surgir como um *gosto médio* típico, como simples substituto dos bens legítimos mais importantes no *mercado* escolar e alhures, *vide* o conhecimento em literatura clássica.

Há um componente de classe no gosto.¹ O gosto como *destino*, porque embora estatisticamente forçado por condições existentes, em que há pontos fora da moda estatística,² há o elemento do gosto pelo necessário, familiar. O que para uns se revela como luxo, eletivo, para outros é efeito de privação (Bourdieu, 2011, p. 169). Isso se dá com os quadrinhos, enquanto material de leitura, contudo também ocorre em outros campos.³

O gosto envolve também como uma cultura de massas possui influência no que é o mundo da, assim chamada, *alta cultura*.⁴ Não há separações estanques, há espaços para porosidades, diálogos, relações. Relações essas que podem ser encobertas e difíceis de acompanhar, mapear, exatamente por esse elemento dos desníveis de poderes, saberes, falta de fontes, diferentes legitimidades existentes etc. Sendo exemplo dessa relação o próprio caso da marca espanhola *Balenciaga*,⁵ a qual faz parte do mundo da

¹ Gosto como um operador prático da transmutação de coisas em sinais distintos e distintivos, um acesso à ordem simbólica das distinções significantes (Bourdieu, 2011, p. 166).

² Os outros gostos surgem muito como devaneios.

³ Um exemplo, fácil de visualizar, é o programa de televisão *Masterchef Brasil*. O que para certos competidores surge como sabor, fartura, combinações inusitadas ou esperadas, marcas legítimas, para os jurados pode aparecer como um excesso de gordura, falta de equilíbrio, combinações bizarras, falta de produtos frescos, mesmo marcas inaceitáveis na cozinha profissional.

⁴ Aqui por alta cultura estamos encarando padrões elitizados de consumo ou modos de realizar práticas culturais, com algum grau de distinção, exclusividade. Não pretendemos dar aqui uma definição final do termo, mas pensamos em algo que seja de acesso mais restrito, como certos restaurantes caros que possuem estrelas *Michelin* etc.

⁵ Sob regência criativa de Demna Gvasalia.

haute couture de Paris, porém possui técnicas de impacto em redes sociais de massas, com uma irreverência aos próprios elementos consagrados do campo (Zeitune, 2021).

Estudar o popular, por tudo isso, possui importância. Não sendo sem razão que Slavoj Žižek (2017, 2018) observa desde obras de grandes franquias até produtos mais *cults*, como os filmes de David Lynch ou músicas da banda alemã *Rammstein*. Algo que, enfim, não foi inventado por Žižek. Afinal, como Miorando (2020, p. 8) lembra, quadrinhos e animações já possuíam críticas comunistas nos anos 70.

O objetivo da pesquisa presente envolve estudar formas de representação LGBTI+ em uma mídia de circulação considerável dentro da cultura *pop*. Em termos de relevância, a pesquisa se mostra relevante tanto em âmbito antropológico, sociológico, político ou histórico, mostrando mudanças nas formas de representação desses grupos minoritários ao longo do tempo.

Com o objeto de pesquisa delimitado, parte da edição especial mencionada, gostaríamos de falar sobre a metodologia do trabalho presente. Metodologia enquanto os passos estipulados para trilhar o estudo, e confirmar ou não uma hipótese. A primeira fase, como é comum, envolveu uma revisão na literatura acadêmica. Assim há, mesmo em um estudo introdutório como este, certo grau de familiaridade com certas questões e termos. A segunda fase envolveu uma releitura da história em questão, com olhar crítico, e relacionado com o que nosso aporte teórico elaborou. Sempre tendo em vista, claro, que concordamos mais com certos autores e menos com outros.⁶ A terceira fase envolveu essa elaboração do presente artigo, como um resultado parcial dessas leituras e reflexões. Como nos mostra Rocha (2018, p. 403), o conhecimento é analítico, logo há aqui separações e hierarquias de tópicos também. É uma aceitação de que certos elementos metodológicos clássicos, existentes em Max Weber, ainda fazem sentido. Nosso presente objetivo não é falar extensamente de todos os grupos existentes no universo LGBTI+, ou no universo dos gibis, ou usar todo o aporte teórico possível, nosso objetivo é um recorte analítico, diante de um universo de pesquisa impossível de ser esgotado em um só trabalho. Outras abordagens seriam igualmente plausíveis, *vide* um uso mais contundente de Theodor Adorno ou Judith Butler, porém ao nos utilizarmos da história das ideias, enquanto um instrumento de análise da anatomia do pensamento, de suas transformações e mesmo de certa *doxologia* de um campo, acreditamos usar uma abordagem válida. Em um diálogo entre o material contemporâneo e o que veio antes, mostrando assim mudanças no cenário social, nesses conflitos sociais envolvendo saberes, poderes, entes com importâncias dentro dos campos sociais etc.

⁶ O aporte como um direcionamento, não como um conjunto de dogmas, como se a autora A ou o autor B fosse impossível de criticar etc.

O trabalho se divide em quatro partes. Começou por esta introdução. Passa para a seção *Sobre a personagem Robin e representações LGBTI+ nos gibis*, que busca relembrar certa discussão sobre representações LGBTI+ nos quadrinhos; é uma seção sem *ululantes* novidades, sendo mais uma contextualização. A terceira parte, *Roteiro e ilustrações de Sum of our parts*, é o seguimento mais longo e original do artigo. O texto se encerra com considerações finais, que montam um fechamento e uma integração melhor entre os seguimentos do material.

Nossa questão principal envolve responder: a representação LGBTI+ de Robin funcionou em tal recorte? Ou *esbarra* em certos problemas de tal universo? Aqui estamos fazendo referência aos problemas do *queerbaiting* (Caravaca, 2017), uma representação em demasia conservadora etc. E nossa hipótese é de que o material irá mostrar uma melhora substancial em relação aos gibis de décadas anterior, mas mesmo assim, em algum nível, continuará possuindo questões por fatores mercadológicos, enquanto um produto de massas; ele deve, idealmente, conseguir captar o maior público possível, logo tenta um equilíbrio entre a representatividade e o aceite de um público mais conservador.

Últimas três considerações, antes de prosseguirmos: primeira, pela natureza do presente estudo nos focaremos, quando utilizamos o termo LGBTI+, mais em personagens masculinos cisgêneros, e em relações bissexuais e homossexuais. Segunda, por *queer* entendemos uma política de alianças, algo que desafie certa lógica dominante, logo o *queer* aqui será encarado como um elemento possível dentro da sigla LGBTI+.⁷ Enquanto algo rebelde e contestatório (Caravaca, 2017; Felizardo, 2015) nem toda representação LGBTI+ é *queer*, nessa chave de leitura. Terceira, não nos focaremos em materiais abertamente pornográficos e mais obscuros ainda, como *The Tijuana Bibles*, que Miorando (2020) cita.

Sobre a personagem Robin e representações LGBTI+ nos gibis

Como é possível ver com toda uma literatura que se debruçou sobre diversos aspectos da questão histórica LGBTI+, *vide* Bimbi (2017), Trevisan (2018), James Green (2019), Green & Quinalha (2018), Mota (2019), Mott (2003), Nunan (2003) etc., houve perseguição, violência e mesmo um silêncio imposto contra muitas existências LGBTI+.

Ao falarmos de certas representações LGBTI+, nas mídias, estamos abordando muitas representações veladas e mesmo regras que tentavam restringir liberdades artísticas. Aqui podemos falar do *Código Hays* no cinema; existiam poucas

⁷ Ramzi Fawaz & Dariack Scott (2018) falam de um elemento *queer* nos quadrinhos, mesmo que os estudos de quadrinhos e os estudos *queer* ainda conversem pouco.

representações e elas podiam ser negativas (Santos, 2015).⁸ No mundo dos quadrinhos processo similar existiu. Certas representações dos anos 30, 40, 50, do século XX, podiam ser vistas como dialogando implicitamente com os entes LGBTI+ do período, como demonstra Cruz (2017).

Em 1954 há um ponto de corte de relevância, com o livro *Sedução dos inocentes*, de Fredric Wertham, que ampliou uma preocupação com os quadrinhos, porque esses poderiam ser responsáveis pela delinquência de certos jovens. Houve uma tentativa de relacioná-los com uma produção de desejos, mesmo inconscientes, homossexuais. Fez assim surgir esse debate um código chamado de *Comics Code Authority*, CCA, executado pela *Comics Magazine Association of America*. Um controle dos próprios produtores de quadrinhos, com medo de uma interferência mais direta do governo, ou qualquer outro problema do gênero.

Claro, o CCA se modificou ao longo do tempo, não sendo algo estático, ver Miorando (2020). Contudo o ponto central, que nos interessa, é essa restrição para uma abordagem mais direta da sexualidade de certas personagens.

Já nessa época existia uma indagação da natureza do relacionamento entre Batman e Robin, mesmo sobre o uniforme de Robin; ou se a Mulher Maravilha, pelo seu empoderamento para os padrões da época, era lésbica. A Figura 1 mostra a dupla dinâmica realizando certas atividades, como dividir uma cama ou se bronzear sem roupas. Homens vivendo vidas duplas, muitas vezes solitárias, tinha paralelos com tal homossexualidade americana do período.

Figura 1 – Batman e Robin vivendo juntos



Fonte: Cruz, 2017, p. 57.

⁸ Igualmente em desenhos animados há muitos entes que apareceram como vilões, ver Caynnã Santos (2015) e Mancio, Maranhão & Santos (2019).

Muitos hoje não concordam com o pânico moral de Wertham, sendo ele o motivo de várias críticas, como nosso aporte teórico bem mostra. Outros pesquisadores, *vide* Dalbeto (2015) ou Neil Shyminsky (2011), apontaram elementos dos super-heróis como modelos conservadores e reacionários em seu cenário *mainstream*. Mesmo que, claro, a cultura *pop* possa ser lida de diferentes formas e até vista como uma *antena* para direcionar fantasias, sexuais também, como aponta Miorando (2020).

A figura do jovem ajudante poderia ser inquietante por causa de seu elemento de transição, Shyminsky (2011) abordou o tópico. Mas isso dialoga com todo um reforço do elemento de heterossexualidade, que os quadrinhos de super-heróis podem passar. Em uma glorificação da força e da masculinidade, contra elementos comumente atribuídos ao feminino, vários apontamentos de Cruz (2017) são úteis nesse sentido.

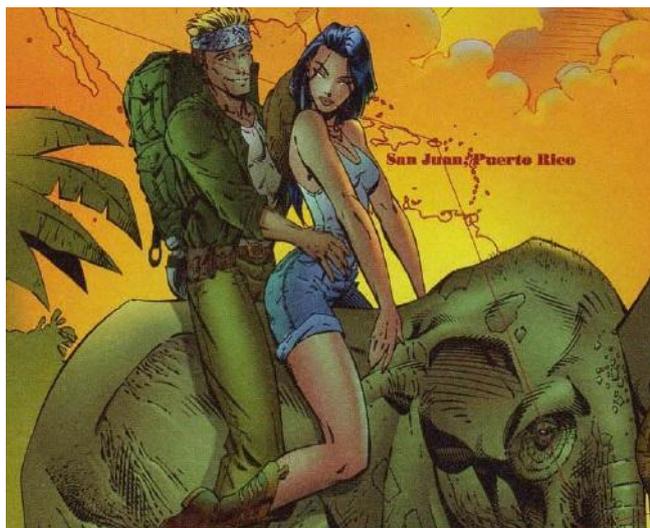
Os anos 60, 70, 80 foram momentos para algumas efervescências culturais, contudo essa parte *mainstream* dos quadrinhos pareceu refratária aos temas, em algum nível. Cruz (2017) e Dalbeto (2015) são claros: até os anos 80 certas personagens não podiam se revelar homossexuais. Podemos aqui pensar em Estrela Polar, da *Marvel*, que só se revelou *gay* nos anos 90; há também Extraño, polêmica personagem da *DC*, que pela sua caracterização conseguiu desagradar conservadores e progressistas.

Foi material mais adulto, *underground*, que pode ter uma liberdade maior para explorar certas questões, acreditamos. Nisso certas discussões de Alan Moore parecem pontos fora da *moda* dos gibis.

Mesmo nos anos 90 com maiores liberdades, como mostra Cruz (2017), certas críticas poderiam ser feitas, *vide* uma sexualização exagerada de certas personagens femininas bissexuais. Apenas um exemplo: a pose *brokeback*,⁹ como vemos na Figura 2.

⁹ Para ressaltar nádegas e seios.

Figura 2 – Exemplo da pose *brokeback*



Fonte: Cruz, 2017, p. 85.

De 2000 em diante vimos uma melhora, e ampliação, nesse tipo de mídia aos elementos de representações LGBTI+. As explorações nesse mercado foram lentas então, acreditamos. Não causa surpresa como elas parecem ter começado com personagens nem tão conhecidos, *vide* Estrela Polar.

A personagem Robin é uma velha questão e ressurgiu o tópico de tempos em tempos, seja através do sucesso do seriado dos anos 60, de Batman e Robin, com seguimentos da comunidade LGBTI+ (Lendrum, 2004) ou em uma piada do Coringa, sobre o Robin se depilar (Paiva, 2021). A pessoa no uniforme de Robin mudou algumas vezes e o próprio uniforme se alterou com o tempo (Lendrum, 2004), todavia ainda há esse elemento, que pode surgir como deboche, sobre Robin ser *gay*.

De uma época de pânico moral diante da questão LGBTI+ hoje há um problema oposto, em certos seguimentos, uma busca aberta por *capturar* o público LGBTI+. Nisso há o surgimento do *queerbaiting*, sobre o termo vale conferir Caravaca (2017). Mas se certas marcas querem *fisgar* tal público, elas querem realizar isso, muitas vezes, sem uma afronta direta contra padrões conservadores ou reacionários. Nisso há uma ambiguidade, uma busca delicada.

O conservadorismo aqui não está sendo encarado como uma corrente política muito definida, em estritas leituras de Edmund Burke ou Richard Hooker ou David Hume, mas como uma disposição, mentalidade. Logo, aqui, o conservadorismo é um padrão da defesa de algum elemento conhecido, como certa modalidade heterossexual e masculina nos gibis. O que pode desembocar em críticas reacionárias, de parcial retorno para uma época já extinta; o próprio limite entre conservadorismo e mente reacionária não é tão

claro, em uma série de tópicos, algo que autores como Joseph-Marie de Maistre, Gustavo Corção, Voegelin e Leo Strauss exemplificam bem.

A apresentação de um Robin bissexual pode ser uma oportunidade, em termos de representações midiáticas, mas também há questões e possíveis problemas.

Roteiro e ilustrações de Sum of our parts

A edição consultada abre com uma capa, que podemos ver na Figura 3, com elementos que remetem ao Orgulho LGBTI+,¹⁰ mesmo que não de modo muito explícito. Chama maior atenção tais personagens mais próximas, no caso Tim Drake e Bernard; entretanto podemos ver outras personagens mais ao fundo, no vitral de uma igreja. Nada em Tim e Bernard nos avisa, previamente, que eles são um casal. Como o garoto loiro está, aparentemente, com as duas mãos dentro do casaco não há possibilidade de eles estarem de mãos dadas.

Figura 3 – Capa da edição especial



Fonte: Acervo do autor (edição *DC Pride: Tim Drake special*, 2022).

A história *Sum of our parts* começa com Robin e Oráculo, outra heroína que orbita o universo comercial do Batman etc., investigando o desaparecimento de

¹⁰ Como o próprio título *DC Pride*, que está ao lado da logo da editora, e que aparece com os elementos da Bandeira do Orgulho LGBTI+.

adolescentes na cidade de Gotham. Já no começo se revela o tom da história, mesmo tendo tópicos realistas não é completamente realista; Robin pula do topo de um prédio, de altura indefinida, e cai de pé no chão. Também possui um estilo artístico sombrio, mas não é exageradamente sombrio; a história se passa quase toda de noite e em espaços não tão iluminados, com exceção do final.

É interessante também como há uma paleta, talvez não tão comum em gibis, envolvendo tons mais escuros de amarelo, vermelho, azul, rosa, roxo. Por isso, há uma *conversa* com tais cores da bandeira do Orgulho Bissexual, que possui como cores: o rosa escuro (enfim, um tom magenta), o azul escuro e o púrpura (lavanda). Logo, mesmo que não sejamos especialistas em cores e tons, fica evidente como esse azul, rosa escuro e roxo são propositais. Vale observar, por isso, a paleta da Figura 4.

Esses tons somados dão para tal história esse visual sombrio, que lembra um pesadelo (em certos momentos), junto com esses cultistas estranhos com rostos escondidos. Esses *exageros* nas cores e o clima soturno, em alguma medida, lembram certos momentos dos filmes italianos de Dario Argento, acreditamos. Ora, de que lugar surge essa *iluminação* azulada e roxa?

Figura 4 – Sobre a escolha proposital das cores na edição



Fonte: Acervo do autor (edição *DC Pride: Tim Drake special*, 2022).

No diálogo, entre Oráculo e Robin, há os elementos de investigação, mas eles também falam sobre o fim do relacionamento de Tim Drake com Stephanie, a Oráculo está preocupada com ele. Outras personagens, aliadas, vão falar isso para Tim de novo ao longo da história, vale mencionar. Há, então, questionamentos da personagem diante de um fim de relacionamento e diante de quem ele realmente é, do que ele quer etc.

Depois de tirar o uniforme, e terminar sua jornada de vigilante, vemos Tim Drake em um bar e restaurante. Ele revela certo nervosismo por estar ali, para encontrar seu amigo Bernard. Ele também se sente desconfortável em suas roupas sociais, que envolvem até um *blazer*. Bernard aparece, eles se abraçam. Decidem se sentar e Bernard mais uma vez coloca suas mãos nele, demonstrando uma proximidade entre eles.

No meio da conversa uma taça de vinho, ou algo igualmente avermelhado, cai. Aparece o vilão que Tim estava caçando mais cedo. Conhecido, em tradução livre e literal, como Monstro do Caos. Há uma luta entre o Monstro do Caos e Tim, mas o herói perde rapidamente o combate, desmaiando. Quando acorda, enquanto conversa com um policial, descobre que seu amigo foi sequestrado.

Robin, então, entra em modo de urgência, buscando solucionar o desaparecimento de Bernard. Em sua investigação descobre que o garoto estava interessado na questão da dor, e possuía equimoses, *welts*, em seus braços e pernas. O que termina o levando a se infiltrar, como Tim Drake, em um culto especializado em dor, chamado Criança de Dioniso.

Há contatos das personagens com certos elementos sadomasoquistas, como é possível ver nas Figuras 5 e 6. Fala Robin, por exemplo, que se sentiu bem abraçando sua dor. Um dos membros do culto diz, por sua vez, que a dor ajuda com nossos desejos profundos; em certo entendimento deles, do culto, de que Tim, como tantos outros, é um promissor jovem envolto no tédio.

A discussão do tédio, na estética do sadomasoquismo, não é uma novidade.¹¹ A relação do sadomasoquismo com grupos fechados também não, surge de sua origem; se lembrarmos como Sade (2005), enquanto representante maior de uma geração do pensamento libertino na França, podia escandalizar. Há motivos para La Mothe Le Vayer, outro libertino famoso, falar da preferência pelo escuro de um gabinete amigo, e por assembleias privadas, ao invés do brilho da luz pública e da tola multidão, sobre isso ver Onfray (2009).

¹¹ Aqui pensamos, apenas para exemplificar, no próprio *The hellbound heart* de Clive Barker (2007, p. 10-1), em que um dos cenobitas pergunta para Frank se esse mundo o desaponta e ele responde que o mundo o desaponta bastante. A personagem, cenobita, fala como Frank não é o único cansado das trivialidades do mundo; eles, os cenobitas, conhecem esse frenesi, sabem o que Frank possui como expectativas, conhecem tal fome por novas experiências.

Figura 5 – Dor e as questões do sadomasoquismo



Fonte: Acervo do autor (edição DC Pride: Tim Drake special, 2022).

Figura 6 – Robin abraça a dor



Fonte: Acervo do autor (edição DC Pride: Tim Drake special, 2022).

Tim Drake descobre que era difícil seguir um padrão do Monstro do Caos, porque ele não é uma pessoa, mas cada membro do culto, são Monstros do caos. Com essas pontas unidas da investigação, ele descobre o esconderijo do grupo, bem no momento em que eles iriam sacrificar Bernard, em um ritual mal explicado. Robin intervém. Ele ganha o combate, a polícia aparece etc. Depois vemos Tim Drake indo até a casa de Bernard. O garoto gagueja ao recebê-lo, típico elemento para passar o nervosismo da personagem. Eles conversam e, por fim, Bernard o convida para sair, sendo que Tim Drake aceita, em um final feliz; ver Figura 7.

Há nesse final, mesmo em sua paleta de cores, um elemento destoante. No fim esses sorrisos, e luminosidade, não apagam tudo o que aconteceu antes. E há o fato de, no futuro, ser possível explorar novamente esse interesse de Bernard e de Tim pela dor.

Figura 7 – Tim Drake aceita um *encontro* com Bernard



Fonte: Acervo do autor (edição *DC Pride: Tim Drake special*, 2022).

Sobre nossa questão anterior, se a edição funciona enquanto uma representação LGBTI+, a resposta é ambivalente. Há pontos positivos e negativos. Enquanto elementos positivos, vemos uma construção que foge aos elementos da representação implícita, Robin aceitou sair com outro homem, há discussões sobre uma relação entre desejo e dor etc. Não há piadas sexuais e uso de estereótipos negativos, por causa da sexualidade de Tim Drake. Porém, enquanto pontos negativos, vemos uma apropriação leve de tais elementos LGBTI+; inclusive em relação ao novo Superman, Jon Kent. Na edição em que esse se declarou LGBTI+, o novo Superman, ele já deu um beijo em outro homem, além de fazê-lo com o uniforme da personagem, em uma associação imagética maior com o *label* Superman. Mas, claro, não há em tal edição do Superman uma discussão sobre sadomasoquismo.

Esse elemento de falta de afetos físicos mais explícitos de Robin com Bernard, como o beijo, é um ponto relevante, pois torna tal representação mais discreta diante do público conservador ou reacionário. Outro elemento que poderia ser explorado melhor, em uma história mais ousada, é igualmente toda essa questão do sadomasoquismo. Sadomasoquismo é tipicamente um campo para estudos *queer*, vale lembrar também. Mesmo que não seja obrigatório o uso de teoria *queer* para uma análise de tal campo. E essa não é a primeira vez em que se discute se uma personagem de gibis é sadomasoquista; já vimos isso antes, como exemplo vale conferir a Figura 8.

Figura 8 – *Watchmen* e o sadomasoquismo



Fonte: Cruz, 2017, p. 89.

O sadomasoquismo é um conceito polissêmico, vale dizer. Que vai desde um jogo consensual entre entes, com regras de segurança etc., até dimensão realmente clínica e psiquiátrica do termo. Em um mundo amplo de possibilidades artísticas *queer*, que Glauco Mattoso (2006) e Wilma Azevedo (1998) nos descrevem no caso brasileiro. Mas certas discussões parecem muito avançadas, para uma história que não termina nem com um beijo desse casal.

A DC enquanto uma marca muito voltada para um público-alvo jovem, mesmo que tenha seguimentos mais adultos etc., parece apostar em uma dimensão mais contida de formas de representação LGBTI+; em um produto que se satisfaz em ser mediano. Nada de certas desfigurações, violências e ousadas artísticas descritas por, por exemplo, Eliane Robert Moraes (2017) ou Felizardo (2015). Certas ausências, esperadas, revelam um pouco dos limites existentes nos campos mais centrais dos gibis. Vilões, anti-heróis etc., possivelmente, ainda possuem mais abertura *queer* para desafios aos padrões culturais existentes. Isso é inevitável? A própria figura do herói e do super-herói se for distorcida, de certas formas, termina o jogando para uma dimensão do anti-herói?

Esperamos que próximos artistas, com poderes dentro do campo, ousem mais, sejam mais rebeldes. A rebeldia, quando bem direcionada, é uma grande força criativa, a qual pode muito impulsionar uma marca, como alguns dos acertos da *Balenciaga* mostram.

Aqui pensamos em certo duplo de Bourdieu (2011, p. 210). Ele fala do respeito pelas formas e pelas formas de respeito dos rituais e condutas. Há, por outro lado, uma subversão simbólica, que pode transformar necessidade em virtude. Roupas informais e cabelos compridos, no *rock*, foram desafios aos rituais *obrigatórios*, ou seja, roupas de corte clássico, carros de luxo, ópera. Nisso tal força do *queer* parece estar, mais, na segunda opção. Mas certas operações para serem simbolicamente legitimadas, em algum grau, possuem necessidade de entes com certo nível de poder, dentro do campo em questão. Aqui voltamos ao exemplo do *Masterchef*. Se um dos competidores desse programa usar margarina, em um *amuse-bouche*, é uma coisa. Se *chef* Anthony Bourdain ou *chef* Alex Atala resolvesse colocar isso em um prato, por uma legitimação simbólica bem maior, a recepção e percepção seria completamente diferente. É a questão dos quadrinhos pornográficos de Miorando (2020), muita força criativa, mas nunca irão ser canônicos.

Considerações finais

O presente artigo foi um cruzamento entre dois universos de pesquisa, a dimensão das representações LGBTI+ e os estudos de quadrinhos. Enquanto um campo social, o mundo dos quadrinhos seguiu certos padrões de silêncio, e dubiedade, diante de tópicos LGBTI+, que poderiam estar associados ao cômico ou aos vilões etc.

Como um campo social existe *heresias* dentro dos quadros de possíveis, e formas de se tentar driblar tais barreiras. Foram em espaços mais adultos, *underground*, que certas discussões puderam aflorar melhor, assim como em quadrinhos mais pornográficos, porém esse não foi tópico bem explorado no artigo.

Nos anos de 1980, no universo principal de heróis, personagens não podiam *sair do armário*, sendo que esse tipo de movimentação parece ter acontecido nos anos 90. Como nos mostra, por exemplo, o caso da personagem Estrela Polar.

Atualmente existem mais, e melhores, representações LGBTI+. Porém essas representações ainda esbarram em alguns elementos; a hipótese inicial do trabalho, que nos pareceu bastante razoável e esperada, confirma-se, em um resultado de ambivalência, vitórias lentas. Em uma contenção de certas marcas, que, no *melhor dos mundos*, querem capturar o público LGBTI+ e os consumidores conservadores. Pois

querem criar produtos médios, nesse diálogo com formas de artes médias, em vias de legitimação, para pensar nos termos usados por Bourdieu.

A história abordada se mostra interessante, por trazer esse Robin LGBTI+. Uma discussão que já existia desde meados da década de 1950, pelo menos. Todavia é uma representação pouco ousada, em nossa análise; pouco se desenvolve, por exemplo, de uma dimensão mais *queer* da personagem, como um possível desejo sadomasoquista de Tim Drake. Outras personagens atuais, da própria editora DC, parecem mais desenvolvidas em certos termos de representações plurais, como o caso de Jon Kent, o novo Superman.

O *achado* acadêmico do presente texto é essa análise sobre como a personagem Robin está sendo representada contemporaneamente, a relevância da pesquisa na área é por ainda existirem em português poucos estudos, comparativamente falando, sobre representatividade LGBTI+ em quadrinhos. Algo que ocorre, como Bourdieu apontou, por certos mecanismos de legitimação, em que, mesmo de modo implícito, esse tipo de estudo para muitos ainda é visto como algo menor, sem importância.

Referências

ALEXANDRIAN, Sarene. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

AZEVEDO, Wilma. *Sadomasoquismo sem medo*. São Paulo: Iglu, 1998.

BARKER, Clive. *The hellbound heart*. Nova York: Harper Collins, 2007.

BIMBI, Bruno. 2017. *O fim do armário: lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CARAVACA, Irene Rubio *Queerbaiting: the unfulfilled promise of queer representation*. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/37045999/Queerbaiting_The_Unfulfilled_Promise_of_Queer_Representation. Acesso em: 15 jan. 2022.

CRUZ, Dandara Palankof. *A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas*. 2017. 225 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2017.

DALBETO, Lucas do Carmo. *SUPERGAY: Diferenças, singularidades e devir nas superaventuras da Marvel*. Dissertação (Dissertação em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, 2015.

FAWAZ, Ramzi & SCOTT, Derieck. Introduction: Queer about Comics. *American Literature*, v. 90, p. 197–219, 2018.

- FELIZARDO, Juliano Guimarães. *Estética Queer: experiência, subversão, multiplicidade e devir na contemporaneidade*. 2015. 84 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015.
- GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2019.
- GREEN, James; QUINALHA, Renan. (org.). 2018. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: EDUFSCar.
- LENDRUM, Rob. Queering super-manhood: the gay superhero in contemporary mainstream comic books. *Journal for Arts, Sciences and Thechnology*, v. 2, n. 2, 2004.
- MATTOSO, Glauco. *Manual do podólatra amador*. Sao Paulo: All Books, 2006.
- MANCIO, Camila Peres; MARANHO, Elisa & SANTOS, Gustavo. Queer representation incorporated at “Him”, character of “The Powerpuff Girls”. *Journal of Science and Technology of the Arts*, v. 11, n. 1, p. 11-21, 2019.
- MIORANDO, Guilherme Sme Sfredo. Apresentação: o sexo nos quadrinhos foi para a sarjeta? In: MIORANDO, Guilherme Sme Sfredo. (org). *Sexo e gênero nos quadrinhos*. Leopoldina: ASPAS, 2020, p. 6-19.
- MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2017.
- MOTA, Murilo Peixoto da. *Saindo do armário: da experiência homossexual à construção da identidade gay*. São Paulo: Fontenele, 2019.
- MOTT, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.
- ONFRAY, Michel. *Contra-história da filosofia: libertinos barrocos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- PAIVA, Mário Jorge de. John Constantine e a questão homoafetiva: uma análise sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis e animações. *Rev. Sem Aspas*, v. 10, p.1-17, 2021.
- ROCHA, Emerson. Cor e dor moral. In: SOUZA, Jessé (org). *A rale brasileira*. São Paulo: Contracorrente, 2018.
- SADE, Marquês de. *The complete Marquis de Sade*. New York: Kensington Books, 2005.
- SANTOS, Caynnã de Camargo. *O vilão desviante: ideologia e heteronormatividade em filmes de animação longa-metragem dos estúdios Disney*. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SHYMINSKY, Neil. “Gay” Sidekicks: queer anxiety and the narrative straightening of the Superhero. *Men and Masculinities*, v. 14, n. 3, 2011.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ZEITUNE, Leonardo Jacques Gammal. Popularizing Haute Couture: a Balenciaga brand case study. *Art and Design Review*, n. 9, p. 46-57, 2021.

ŽIŽEK, Slavoj. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. *Lacrimae Rerum: Ensaios sobre cinema moderno*. São Paulo: Boitempo, 2018.